

# ELA ACREDITA EM MILAGRES

LEONEL ROCHA

DA EQUIPE DO CORREIO

**A** senadora Heloísa Helena (PSol-AL) cultiva personalidades. Idolatra duas em particular. Che Guevara — a quem dedicou uma parede do seu gabinete para uma foto do revolucionário sobre o mapa da América Latina — e Jesus Cristo, de quem é ardorosa seguidora. Outra personalidade de sua cabeceira é Leon Trotsky, um dos líderes da revolução socialista russa de 1917. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva já foi uma delas, mas hoje a senadora o odeia. Heloísa é trotskista, como quase todos no PSol, partido que fundou em junho de 2004 e vai representar nas eleições presidenciais de outubro. Sempre radical, ela tem exagerado. Está defendendo a fusão do cristianismo de São Miguel Arcanjo ao socialismo ateu de Trotsky. “Sou uma trotskista cristã”, costuma definir-se. Nenhum milagre pode unir os dois fundamentos. Mas Heloísa crê. “Ela acredita. Paciência”, resume o deputado Babá (PSol-RJ).

Católica praticante, Heloísa acredita em milagres, mas no fundo sabe que não tem condições de chegar ao Palácio do Planalto. Em quase todas as pesquisas, seu nome aparece com menos de 10% das intenções de voto. Suas declarações otimistas fazem parte do teatro eleitoral, em que nenhum candidato admite perder. Mas milagres à parte, a realidade é outra. O PSol, que em programa propõe R\$ 1.503 de salário mínimo, na campanha de Heloísa defenderá R\$ 570. Mais irreal parece a agenda econômica da candidata: suspender o pagamento dos juros da dívida externa e anular a reforma da Previdência aprovada em 2004 pelo Congresso.

Heloísa Helena nasceu pobre e doente há 43 anos em Pão de Açúcar, interior alagoano, onde os pais eram pequenos agricultores. O estudo mudou sua vida. Enfermeira, professora de epidemiologia da Universidade Federal de Alagoas, passou à militância sindical até ser eleita pela primeira vez vice-prefeita de Maceió, em 1992, pela coligação PT-PSB. Dois anos depois ganhou uma cadeira na Assembleia Legislativa. Chegou ao Senado em 1998 com quase 375 mil votos — 56%

da preferência dos alagoanos para o cargo. Tem dois filhos: Sacha, de 22 anos, e Ian, de 19. Também foi mãe-de-leite de duas crianças.

No Senado, adota um estilo “estudantil” e mantém velhos hábitos: calça jeans surrada, camiseta de militante, cabelo amarrado e discurso radical. Dirige o próprio carro e faz o antimarketing da imagem desleixada. E funciona. A exceção foi há um mês quando posou, sedutora, para a revista Cláudia maquiada e de penteado novo. Boa de tribuna, desde que foi eleita rompeu o ar morno e excessivamente formal dos discursos no Senado e adotou estilo agressivo, verborrágico, às vezes ofensivo.

Com sua expulsão do PT, em 2004, passou a ser uma espécie de “sirene” do PFL e do PSDB, a quem se aliou para combater o

governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Hoje ela diz desprezar tanto a “farsa” Lula, que ajudou a eleger, quanto a “farsa técnica” dos tucanos. Não consegue esconder a mágoa de ter sido expulsa do partido que ajudou a fundar no início dos anos 80. No PT, mantém alguns amigos. Um deles é o colega senador Eduardo Suplicy (SP). Ele foi contra a expulsão de Heloísa do PT e ganhou dela beijinhos carinhosos no plenário. Outro é o deputado Walter Pinheiro (BA). Mas deixou desafetos. Há alguns anos no calor de uma discussão, Heloísa agrediu a senadora Ideli Salvati (PR). Até hoje as duas não se falam. Sempre de dedo em riste, a alagoana atua no Conselho de Ética, órgão encarregado de vigiar os colegas, e passou a estrela das investigações.

Mesmo sem uma bancada que lhe dê direitos regimentais

de participar de comissões importantes, conseguiu, de carona na indicação de outros partidos, atuar com firmeza nas CPIs dos Correios e dos Bingos. Investigou, com regozijo, a antiga cúpula petista que a expulsou. Com discursos de conteúdo moral-religioso, costuma apelar, sem sucesso, para que testemunhas das CPIs contem tudo que sabem sobre corrupção. Em 2001 foi acusada pelo então presidente do Congresso, senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-

“Sou uma trotskista cristã”

HELOISA HELENA, senadora, candidata do PSol à Presidência da República

Paulo H. Carvalho/CB



HELOÍSA HELENA EM SEU GABINETE NO SENADO: POSTER GIGANTE DE CHE GUEVARA NA PAREDE E FIGURAS ESCULPIDAS DE SANTOS E ANJOS SOBRE A MESA DE TRABALHO

BA), de ter votado, por motivos pessoais, contra a cassação do então senador Luiz Estevão. ACM divulgou que ela teria votado a favor de Estevão, acusado de desviar milhões de recursos públicos destinados à construção do fórum trabalhista paulista, e teve que renunciar para não ser cassado. Ela sempre negou o apoio a Estevão.

Heloísa aposta nos descontentes. “Ela chegará aos dois dígitos na preferência do eleitorado”, avisa Marcos Coimbra, do Vox Populi. “A senadora recebe votos de quem se decepcionou com Lula e não gosta do PSDB”, avalia o presidente do Ibope, Carlos Augusto Montenegro. “Ela está ganhando votos dos descontentes e vai morder, na verdade, votos de Lula”, diz Ricardo Guedes, do Sensus. “Me sinto preparada para governar o País com um projeto

de inclusão social diferente do neoliberalismo”, discursa.

Quando o MLST invadiu a Câmara, há quase um mês, Heloísa classificou a ação de “covardia política, farsa radicalóide”. Os sem-terra do PSol são do Movimento Terra e Liberdade. Recém-registrado, o PSol também já tem suas correntes radicais. O grupo Revolutas, por exemplo, critica o grupo de Heloísa por ter cancelado o congresso nacional do partido, substituído por uma conferência de cúpula para escolher o candidato e suas alianças. O grupo Praxis criou uma corrente à esquerda e critica o partido “por suas decisões burguesas e elitistas”. Heloísa Helena vai enfrentar seus radicais. Eles estranham que o PSol tenha sido fundado no dia 6 de junho de 2004, aniversário da senadora. Acreditam em culto à personalidade.